

Mariam Said, a guardiã de um legado

Viúva de Edward Said pretende digitalizar o acervo do intelectual palestino para torná-lo mais acessível a estudantes do Sul Global

Christina Queiroz¹

Em busca de financiamento para digitalizar o acervo de Edward Said, doado à Universidade Columbia em 2009, Mariam Said é hoje uma das principais responsáveis por manter vivo o pensamento do intelectual palestino. Nascido em Jerusalém em 1935, ele faleceu em 2003 em Nova York, nos Estados Unidos, depois de anos lutando contra a leucemia. Foi enterrado em uma montanha na floresta de Broumana, no Líbano, próximo de uma vila que costumava frequentar com Mariam. Nascida e criada em Beirute, capital libanesa, ela reside em Nova York desde a década de 1970. Graduada na Universidade Americana de Beirute (AUB) e com duas pós-graduações na Universidade Columbia, Mariam trabalhou durante mais de 20 anos em bibliotecas de grandes empresas do mercado financeiro.

Além disso, atuou em dezenas de organizações culturais e políticas. Junto com o pianista e maestro argentino-israelense Daniel Barenboim, ela dirige a *West-Eastern Divan Orchestra* e é vice-presidente da Fundação Barenboim-Said, financiada pelo governo da Andaluzia e com sede em Sevilha, na Espanha. Dentre outras atividades, a fundação apoia programas de educação musical na Palestina e na Andaluzia. A *West-Eastern Divan Orchestra* foi criada a partir de conversas realizadas entre Edward Said e Barenboim, que eram amigos muito próximos e tinham o desejo comum de abordar o conflito entre Israel e Palestina por meio de diálogos e da compreensão de diferenças mútuas. Em 1999, eles organizaram um workshop com músicos árabes e israelenses em Weimar, na Alemanha, que deu origem à fundação da orquestra. Em diversas entrevistas, Mariam afirmou que Edward a considerava o seu legado mais importante. Atualmente, o grupo reúne profissionais de países do Oriente Médio, incluindo músicos de nações árabes e Israel.

Com sua filha, a atriz e escritora Najla Said, Mariam esteve em São Paulo em novembro de 2023, semanas depois do início do conflito entre Israel e o Hamas. Visitou a cidade para participar de um seminário internacional, organizado pela Cátedra Edward Said da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), pelo

¹ Doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2017) e Mestre em Identidades Culturais pela Universidade de Barcelona (2009). Pesquisadora da Cátedra Edward Said da Universidade Federal de São Paulo. Jornalista e coordenadora audiovisual na revista Pesquisa FAPESP (<https://revistapesquisa.fapesp.br/autor/christina-queiroz/>). Com formação interdisciplinar, tem experiência nas áreas de Literatura, Imigração, Identidades Culturais e Jornalismo Científico. Trabalha com pesquisa e roteiro audiovisual. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7614-5340>. E-mail: queirozchris@gmail.com.

Instituto da Cultura Árabe (Icarabe) e o Serviço Social do Comércio em São Paulo (Sesc-SP), com patrocínio da Câmara de Comércio Árabe Brasileira, em memória dos 30 anos do falecimento de Edward Said. A conversa que resultou nessa entrevista começou em um passeio pelo centro da cidade de São Paulo, que contou com uma visita guiada à Sala São Paulo e um almoço no Mercado Municipal. Meses mais tarde, o diálogo prosseguiu por meio de plataformas virtuais.

Na entrevista, Mariam Said revela que o arquivo de Edward na Universidade Columbia reúne diversos ensaios e documentos inéditos, que estão à espera do trabalho de pesquisadores e editores interessados em investigá-los. Ela relata, ainda, como os acampamentos pró-Palestina, organizados inicialmente por estudantes norte-americanos e que se espalharam pelo mundo, ajudaram a transformar Gaza em um símbolo da violência contra pessoas inocentes. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em fevereiro de 2024, a quantidade de pessoas mortas, feridas e desaparecidas em razão do conflito ultrapassava 100 mil indivíduos e Gaza registrava ao menos 17 mil crianças órfãs.

A senhora pode falar sobre a sua família e a vida no Líbano?

Sou a mais velha de quatro irmãos. Meu pai era um industrial. Produzia compotas, geleias e todo tipo de vegetais enlatados. Já minha mãe, Wadad Makdisi Cortas, era diretora de uma prestigiosa escola para meninas. Ela foi aluna nessa instituição e, depois, convidada a atuar como docente por lá. Nas décadas de 1950 e 1960, a vida era muito agradável no Líbano, um país com pessoas amigáveis e hospitaleiras. A situação econômica não era estável, mas conseguíamos viver bem. Minha família era progressista e defendia os direitos das mulheres.

Qual era a sua relação com a Palestina?

Eu não tenho familiares na Palestina, mas a minha mãe era muito politizada. Passou toda a sua vida lutando por justiça. Aprendemos com ela desde cedo. Edward Said era palestino e sua mãe meio libanesa. A família dele tem parentes distantes nos territórios ocupados.

A senhora se envolveu em atividades políticas no Líbano como ativista?

Sim, trabalhei na Organização Cinco de Junho, fundada depois da Guerra de 1967, ou a Guerra dos Seis Dias, conflito deflagrado entre Israel e uma coalizão de países árabes. Na Organização, minha função era divulgar informações sobre a Palestina e os conflitos com Israel. Eu escrevia cartas denunciando situações a jornais do mundo todo e participava de manifestações.

A sua mãe teve uma presença forte em sua vida. Pode falar sobre ela?

Além de mãe, ela também foi diretora da escola onde eu estudava, que existe até hoje. Assim, desempenhou dois papéis importantes em minha vida. Na adolescência, a gente não se dava bem. Mas, ao mesmo tempo, ela sempre foi um modelo de mulher livre e com personalidade forte. Nunca hesitou em adotar posições políticas e defendê-las com afinco. Ela teve a sorte de frequentar a Universidade Americana de Beirute [UAB], onde obteve o diploma de graduação. Depois de formada, deu aulas em Bagdá durante um ano, antes de ir para os Estados Unidos para cursar pós-graduação na Universidade de Michigan, na cidade de Ann Arbor, em uma época em que ninguém fazia isso. Minha mãe era uma feminista muito antes do desenvolvimento do termo. Era uma mulher cosmopolita e emancipada. Apreendi muito com ela. Sua formação de mulher progressista influenciou-me. Na época em que ela viveu e durante a minha juventude, o Líbano era um país liberal e cosmopolita, as mulheres muçulmanas não usavam o véu.

Que língua vocês falavam em casa?

Falávamos árabe. Embora no Líbano muitos usem o francês, considerávamos que essa era a língua dos colonizadores. Além disso, meu avô materno era gramático e professor de árabe na UAB. Sabíamos como era importante aprender e falar o idioma.

Com o que a senhora sonhava na juventude?

Eu não era uma sonhadora e tinha poucas ambições. A vida era fácil e eu me sentia satisfeita em viver no Líbano.

Por que a senhora imigrou aos Estados Unidos?

Meus familiares eram abastados e faziam parte da elite instruída da República do Líbano, criada em 1943. Como todos os libaneses, tivemos parentes próximos que imigraram. Mas os meus pais estavam orgulhosos de construir um novo país e jamais pensaram em mudar-se. Tornei-me imigrante porque me casei com um cidadão norte-americano. O pai de Edward foi para os Estados Unidos na virada do século XIX para o XX e atuou no exército do país durante a Primeira Guerra Mundial [1914-1918]. O serviço militar tornou-o elegível para obter a cidadania norte-americana. Assim, ao nascer, seus cinco filhos viraram cidadãos dos Estados Unidos, embora todos tenham nascido no Oriente Médio.

Como foi a sua chegada aos Estados Unidos? Alguma situação te marcou?

Como a maioria das pessoas desse mundo, eu tinha visto muitos filmes norte-americanos. Também conhecia pessoas que moravam por lá. Depois da graduação na UAB, fui para os Estados Unidos pela primeira vez em 1967 para fazer pós-graduação em

biblioteconomia, uma área que carecia de especialistas. Trabalhei em bibliotecas de grandes empresas financeiras em Wall Street. Anos depois, cursei MBA para aprimorar a minha carreira.

A primeira situação que me chamou a atenção quando cheguei aos Estados Unidos foi uma cena que presenciei da janela do avião. Tínhamos pousado em Nova York e íamos em direção ao portão de desembarque. Nosso avião atravessou uma ponte. Embaixo da ponte, havia carros passando em alta velocidade e, paralelamente à rodovia, um trem também viajava sobre trilhos. Era uma imagem surreal.

No entanto, o que mais me impactou nesse primeiro momento foi que, alguns meses depois de minha chegada, estourou a Guerra de 1967, ou a Guerra dos Seis Dias. Da noite para o dia, a Quinta Avenida, a mais sofisticada de Nova York, foi coberta por bandeiras israelenses. Ao mesmo tempo, quase não se via bandeiras norte-americanas. Foi um choque para mim.

Como a senhora conheceu Edward Said?

Nós nos encontramos pela primeira vez no final da década de 1960, quando fui visitar a sua irmã, que era minha amiga e estava internada em um hospital em Nova York. Ela tinha caído e quebrado a perna. Nós nos cruzamos quando ele estava saindo do quarto.

Alguns anos depois, os nossos caminhos cruzaram-se em Beirute. Eu estava no banco com meu primo e Edward apareceu com uma de suas irmãs. Os pais dele organizaram uma festa e fomos convidados. Nesse evento, conversamos e, no dia seguinte, sua irmã e eu íamos ao cinema. Ele perguntou se poderia juntar-se a nós. Foi assim que começamos a namorar.

O que mais a senhora gostou nele quando o conheceu?

Ele era sociável e engraçado. Foi muito divertido sair com ele.

Quantos filhos vocês tiveram? A senhora tem netos? Eles falam árabe?

Tivemos dois filhos. O mais velho é advogado e chama-se Wadie, em homenagem ao avô paterno. A mais nova chama-se Najla. É atriz e escritora. Najla sabe falar o dialeto árabe libanês. Wadie fala, lê e escreve árabe. Ele passou um ano estudando na Universidade Americana do Cairo e outro na Cisjordânia para aprender o idioma e a fazer traduções para o inglês, incluindo traduções jurídicas. Wadie é professor de Direito na Universidade da Carolina do Sul, pesquisa e escreve sobre temas como o terrorismo. Tanto Wadie como Najla têm livros publicados. Tenho um neto, Edward, de 18 anos, que fala árabe. E uma neta, Zayn, de oito, que está aprendendo.

Edward Said trabalhava muito. Como era a rotina dele?

Ele era um madrugador. Trabalhava sem parar da manhã até às 22 horas, ou mais. Fazia intervalos para caminhar pelo bairro, jogar tênis, squash ou fazer natação. Edward era um verdadeiro atleta.

Como era a relação com os filhos?

Edward levava as crianças para a escola e cuidava delas, sempre que necessário. Todas as noites, jantávamos em casa juntos. Ele conversava e brincava com as crianças. Era um pai amoroso e divertido.

Sobre o processo de criação de *Orientalismo*: *O Oriente como invenção do Ocidente*. Edward Said sabia que estava escrevendo um livro que se tornaria canônico?

Passamos um ano na Universidade Stanford, na Califórnia, onde ele escreveu a maior parte da obra. Era o lugar ideal para trabalhar. Mas ele não sabia que estava escrevendo um livro canônico. Às vezes, pensava sobre isso, mas rapidamente descartava a possibilidade. O que os outros intelectuais, e mesmo os seus colegas, estavam escrevendo era muito diferente das ideias que ele desenvolvia na obra.

Como foi a recepção inicial quando o livro foi publicado?

Uma mescla de reações. Alguns orientalistas fizeram críticas demolidoras tanto ao livro como ao próprio Edward. Outros, tentaram compreender sua linha de pensamento. Os elogios vieram, principalmente, de antropólogos e sociólogos.

A senhora leu todos os textos de Edward Said?

Sim, eu li. Muitas vezes, eu colaborava com o processo de edição e ele me pedia ajuda para digitar os manuscritos. Quando eu criticava algum ponto, ele costumava acolher as minhas ideias. De vez em quando, mudava o que estava dizendo, especialmente quando se tratava de um assunto político delicado.

Depois que ele faleceu, o que mudou em sua vida?

Tudo mudou completamente. Aposentei-me e tive de passar a cuidar de seu arquivo e legado. Hoje, para gerenciar o espólio, preciso estar por dentro de tudo o que acontece o tempo todo.

A senhora pode falar sobre a doação do acervo de Edward Said para a Universidade Columbia, em 2009?

Poucos objetos do acervo permaneceram com a nossa família e a coleção quase completa está armazenada em uma sala de leitura do Centro de Estudos Palestinos da universidade. Edward foi professor de Columbia durante 40 anos. Seu arquivo contém livros de literatura, crítica literária e sobre o Oriente Médio. As obras não podem ser retiradas de lá. Precisam ser consultadas localmente. Mas estamos buscando financiamento para realizar a digitalização de todo esse material, de forma que ele seja acessível a estudantes do mundo, especialmente àqueles do Sul Global, que estão impossibilitados de viajar ou que não conseguem visto para entrar nos Estados Unidos.

Na coleção, há documentos que nunca foram estudados e muitos ensaios inéditos. Precisamos atrair pessoas interessadas em pesquisá-los e escrever sobre eles. No começo de 2024, publicamos pela Columbia University Press uma coleção de poemas elaborados por Edward [*Songs of an Eastern Humanist: Collected Poems*] e um livro com ensaios sobre ópera [*Said on Opera*], ambos inéditos em português.

Como é a rotina da senhora?

Eu viajo muito. Participo de ensaios, workshops e turnês da *The West Eastern Divan Orchestra*, de quem sou co-diretora. Meu tempo livre é limitado, mas sempre que posso visito amigos e familiares. Gosto de ir a Londres. Tenho amigos e familiares por lá. Muitos imigraram durante a Guerra Civil Libanesa [1975-1990]. Fui algumas vezes ao Brasil. Conheço o Rio de Janeiro e São Paulo. São cidades atrativas e diversas. As pessoas são amigáveis, vejo caras bonitas pelas ruas.

A *The West Eastern Divan Orchestra* completa 25 anos neste ano. Quais os grandes feitos dessa trajetória?

Conquistamos um nível de excelência que nos equipara às grandes orquestras do mundo. Músicos formados por nós, hoje, também tocam em outras orquestras sinfônicas importantes e nossos solistas têm reconhecimento internacional. Criamos uma orquestra de câmara, a *West-Eastern Divan Ensemble*. Em 2016, foi estabelecida a escola de música Academia Barenboim-Said, com sede em Berlim, na Alemanha. Nesse mesmo ano, recebemos das Nações Unidas em Genebra a designação de *United Nations Global Advocate for Cultural Understanding*, um reconhecimento pelo trabalho que realizamos de romper barreiras e construir espaços de diálogo entre comunidades.

Há planos de trazer a orquestra para o Brasil?

Gostaríamos de receber um convite, mas por enquanto não temos planos. Daniel Barenboim, nosso único regente até hoje, está impossibilitado, nesse momento, de fazer viagens longas. Precisamos pensar em nosso futuro.

Como sentiu-se nas visitas que fez a São Paulo? A primeira para criar a Cátedra na Unifesp e a segunda, em 2023, para participar do seminário sobre o legado intelectual de Edward Said?

Na primeira visita, fui acompanhada por Saad Chedid [1929-2019], que era professor titular da Cátedra Estudos Palestinos Edward Said, da Universidade Nacional de Trê de Fevereiro, na Argentina. Ele estava empenhado em apoiar a criação de cátedras em nome de Edward, ao redor do mundo. Queria ajudar a difundir seu trabalho e legado. Saad insistiu para que eu fosse à inauguração e tive a honra de poder comparecer. Foi uma conferência repleta de pesquisadores dedicados. Fiquei comovida e emocionada. Já a conferência de 2023 foi incrível, apresentou uma diversidade e variedade de palestras. Senti-me profundamente comovida ao observar todo o trabalho que foi produzido nos últimos anos. A Cátedra Edward Said da Unifesp foi a única da qual participei da inauguração. Nos Estados Unidos, cátedras acadêmicas são ocupadas por professores proeminentes.

A senhora pode falar sobre as memórias de sua mãe, publicadas no livro *A World I Loved: A Story of an Arab Woman*?

Minha mãe escreveu suas memórias em meados de 1958, quando os conflitos que originaram a Guerra Civil Libanesa começaram a se intensificar. No Líbano, as pessoas não costumavam se referir à Guerra Civil como guerra, sempre diziam “os eventos” ou “os acontecimentos”. Naqueles anos, minha mãe sentia que o mundo ao seu redor estava se desfazendo. Ela queria deixar um relato para seus alunos e filhos, mostrando que a época que ela tinha crescido era mais bonita do que aquela que eles estavam vivenciando. Em 1974, quando ela se aposentou, decidiu atualizar as memórias, incorporando relatos de eventos que aconteceram no Líbano de 1958 até 1975, quando a Guerra Civil estourou. Ela publicou o livro em árabe no pior momento de nossa história. Era 1982, ano em que Israel invadiu o Líbano com o pretexto de combater a Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

Sobre o que a obra trata?

A obra aborda a história da fragmentação do Oriente Médio no século passado. Pelos olhos de minha mãe, o livro mostra como era a vida no Líbano sob a presença opressiva do mandato francês. Trata sobre o desejo que ela e a sociedade libanesa tinham de forjar uma identidade árabe baseada na tolerância religiosa e como esses sonhos foram dilacerados com a partilha da Palestina e a Guerra Civil.

Enquanto ela escrevia o livro em árabe, percebeu que o Ocidente não sabia nada sobre o Líbano e decidiu reescrevê-lo em inglês. Pediu para Edward ajudá-la a encontrar uma editora. Ele pensava que eu era a única pessoa capaz de editar a obra. Porém, eu tinha dois filhos pequenos e não estava familiarizada com o texto, de forma que oferecemos o trabalho a outro editor. No entanto, o livro não foi publicado. Depois que Edward faleceu, em 2003, eu me aposentei e resolvi trabalhar na sua edição, que saiu em

inglês em 2009 pela editora *PublicAffairs*. Essa versão enfatiza a mensagem política e o feminismo que minha mãe sempre defendeu.

Qual a mensagem política do livro?

Minha mãe foi uma ativista desde os primórdios. Ela nasceu em Beirute durante a ocupação do Império Otomano e graduou-se nos anos 1930 com a presença do mandato francês. Posicionou-se contra o mandato, que durou de 1917 até 1943. Minha mãe sempre quis atuar com a educação de mulheres no Oriente Médio. E a questão da Palestina estava presente em sua vida desde a Primeira Guerra Mundial. Esses são alguns dos pontos de destaque da edição em inglês.

Como a senhora está vivenciando a dramática situação da Palestina hoje?

É a experiência de viver um pesadelo. Estive na Palestina pela última vez em setembro de 2022 e fico imaginando como as coisas mudaram desde então. No começo do conflito, sentia um clima hostil nos Estados Unidos, com muitas bandeiras israelenses penduradas pela cidade de Nova York. Mas, depois do acampamento dos estudantes na Universidade Columbia, a situação mudou um pouco. Os jovens conseguiram difundir a sua mensagem exigindo justiça. A maior surpresa que tive nessa guerra foi observar que muitas pessoas se posicionaram a favor dos palestinos. É um movimento que vai além da nossa causa. Gaza tornou-se o símbolo da violência praticada contra pessoas inocentes. Hoje, parece existir alguma esperança.

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/exilium.v5i9.19232>.